

APRESENTAÇÃO

Escribimos porque las cosas de las que queremos hablar no están.

Cristina Peri Rossi

Ao falarmos em literatura latino-americana e, principalmente, no chamado *boom* latino-americano da década de 70 do século passado, há uma ausência evidente se observarmos os manuais escolares sobre a História da Literatura: uma flagrante e absoluta falta de mulheres escritoras. Nos poucos onde constam algumas mulheres, Cristina Peri Rossi é um dos nomes de referência permanente e uma unanimidade.

Peri Rossi, nascida no Uruguai em 1941, de mãe italiana e pai basco, que começou a escrever nos anos 1960 e transformou-se numa jovem escritora talentosa e premiada, foi uma figura emblemática para toda uma geração de jovens que enfrentou a ditadura no Uruguai e que teve de viver a dura experiência do exílio. Foi a primeira escritora, ainda vivendo no Uruguai, a falar em seus romances do Movimento Tupamaro, da luta armada, dos horrores da ditadura e sobre erotismo e homossexualidade.

Toda esta ousadia custou-lhe a cassação de seus livros que foram proibidos de ser lidos e vendidos no Uruguai, o que lhe custou também o exílio rumo à Alemanha e Espanha. Barcelona foi a cidade onde Peri Rossi construiu sua vida e uma obra singular de êxito e sucesso.

Grande companheira de Julio Cortázar, com quem conviveu toda a sua vida, é um nome de excelência quando falamos de literatura de autoria feminina, tendo publicado poemas, romances, contos, ensaios, artigos e traduções. Dentre suas obras mais importantes estão, *Los museos abandonados* (1984), *La nave de los locos* (1984) e *El libro de mis primos* (1989). Foi ganhadora do *Premio Ciudad de Barcelona* (1991), do *Premio Internacional de Poesía Rafael Alberti* (2003) e do *XIII Premio Mario Vargas Llosa NH de Relatos* (2010). Apesar desta obra caudalosa, que a torna uma das intérpretes mais lúcidas e geniais da contemporaneidade, nunca foi traduzida para o português no Brasil.

No cenário do volume que temos em mãos, os personagens percorrem um sem número de destinos comuns, contando-nos de suas histórias anônimas e semelhantes. E talvez todos os contos, com suas especificidades, tratem dos mesmos temas: a solidão, a melancolia, a farsa dos casamentos, o engano de um mundo virtual, as compulsões e adições resultantes de um mundo desumanizado, de um sentimento de estar fora do lugar, e onde todos, de alguma

maneira, são exilados e estrangeiros, dissociados de suas vidas e de seus verdadeiros desejos. Num mundo onde a repetição mecânica dos gestos nos faz ter uma vida anódina e sem sentido, a denúncia de Peri Rossi é a de que a pobreza das nossas existências ocorre pela falta do desejo, pela morte do desejo. E é desta morte que advêm as compulsões, as falsas vidas e um sentimento de desamparo irremediável expressado através de toda sorte de existências melancólicas, depressivas, solitárias e medíocres.

Um homem só na frente da tela de um computador que se entrega a um jogo de nunca acabar, uma empresária burocrata e poderosa cansada da própria máscara, médicos que tentam escapar do tempo da própria morte, a nostalgia do homem que ouve “A Internacional” como o canto perdido de sereia de um mundo que prometia bênçãos e esperanças e que não existe mais. As promessas e enganos dos amores virtuais, as cartas anônimas que são enviadas para um desconhecido pouco confiável, o homem de gestos largos que se pergunta sobre o real e verdadeiro valor do dinheiro, uma médica e uma paciente que especulam sobre a angústia, que é a de todos nós, e a transformação de um homem que, em contato com sua fome primordial, nos fala sobre um estranho mecanismo de substituições e compensações.

A condição de exilado e de estrangeiro dos personagens das grandes cidades, perdidos na euforia dos hotéis *fakes*, no

engano do mundo virtual, na paz das grandes estradas, no isolamento de pequenos quartos, todos que prometem uma vida glamorosa e cheia de satisfações, nos é apresentada de maneira magistral por esta estrangeira desde *un lugar de la Mancha*. O cenário é de desolação, solidão, melancolia, incertezas, inseguranças e aponta para uma saída possível, nas brechas, onde vivem os loucos e os poetas com a sua voracidade selvagem, que clamam pela sensualidade de um mundo natural e pelos gestos do afeto e do prazer, onde a gratuidade da poesia é imperiosa.

Leitora do seu tempo como poucas escritoras contemporâneas, Cristina Peri Rossi nos devolve à necessidade dos nossos desejos mais vitais, à nossa fome mais verdadeira, que nos engrandece e humaniza, longe da cultura da medicalização, das explicações fáceis, da neutralidade das nossas dores, da normatização dos afetos e da aceitação de uma vida pequena e sem alegria, e próximo dos lugares do desejo, do prazer, do amor e do instinto contra uma vida mediada pelos objetos e pelas facilidades dos movimentos não pensados, num mundo onde as nossas dores, nossos desencantos possam, finalmente, caber. Peri Rossi, a estrangeira, fala dos exilados do desejo, do prazer que nos é negado a cada minuto de uma vida inteira e do animal do zodíaco que grita e clama dentro de nós.

Parabéns à Gradiva Editorial por esta publicação. Os leitores todos agradecemos a possibilidade da leitura e do conhecimento de Peri Rossi no nosso país através desta iniciativa nunca tardia e sempre imprescindível.

Lélia Almeida

Escritora e professora de Literatura Brasileira
e Literatura Latino-Americana